

O FEMININO DECOLONIAL NA VIVÊNCIA DOS ARQUÉTIPOS DOS ORIXÁS OTIM E OBÁ POR MULHERES QUILOMBOLAS

THE DECOLONIAL FEMININE IN THE EXPERIENCE OF THE ARCHETYPES OF THE ORIXÁS OTIM AND OBÁ BY QUILOMBOLA WOMEN

LO FEMENINO DECOLONIAL EN LA EXPERIENCIA DE LOS ARQUETIPOS DE LOS ORIXÁS OTIM Y OBÁ POR MUJERES QUILOMBOLAS

Nelson Russo de Moraes

Docente do Departamento de Comunicação Social (FAAC/UNESP Bauru) e PGAD/UNESP Tupã. nelson.russo@unesp.br.

 0000-0003-0159-9433

Cássia Amélia Gomes

Doutoranda em Agronegócio e Desenvolvimento (FCE/UNESP), Brasil. cassia.amelia@unesp.br.

 0000-0002-7992-0138

Alexandre de Castro Campos

Doutorando em Agronegócio e Desenvolvimento (FCE/UNESP), Brasil. alexandre.c.campos@unesp.br.

 0000-0001-5663-8757

Correspondência: Sala 11 – DCSO – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – UNESP; Av. Eng. Luís Edmundo Carrijo Coube, 14-01 – Vargem Limpa - Bauru, São Paulo, Brasil - CEP: 17033-360.

Recebido em: 16.09.2023.

Aceito em: 19.11.2023.

Publicado em: 20.12.2023.

RESUMO:

O desenvolvimento de uma sociedade democrática ainda permanece distante da realidade atual, visto a violência, segregação e opressão do feminino, fazendo-se necessário a eliminação da desigualdade de sexos. Em decorrência disso, são relevantes e urgentes estudos que possam dar voz a mulher quilombola, tornando possível sua emancipação, empoderamento e ressignificação identitária, evidenciando sua cultura, tradições, saberes e lutas. A pretensão do estudo foi o rompimento de pressupostos instituídos pelo colonial, patriarcal, branco, evidenciando a diversidade de saberes, por isso a estratégia metodológica adotada foi a revisão de literatura qualitativa, de modo a alcançar os objetivos e chegar aos resultados. Assim, o estudo vem mostrar a trajetória da mulher quilombola com vistas à libertação das algemas do colonial, por meio da emancipação, decolonização e empoderamento, estabelecendo uma aproximação com a vivência arquetípica dos orixás Otim e Obá.

PALAVRAS-CHAVE: Emancipação;
Identidade; Feminino; Democracia;
Mitologia.

Introdução

A colonialidade vem estabelecer a classificação social por meio de relações de poder, tendo na hierarquização étnica e de gênero seu alicerce, ocultando a violência, dominação e opressão do processo de modernização. Deste modo, a colonização não se limita à posse de terras, mas também na afirmação do masculino, heterossexual e branco como superior, classificando como inferiores identidades que não se enquadrem nos padrões estabelecidos, sendo a negra uma delas. Além disso, a hegemonia colonial se faz presente ao desconsiderar como científico saberes ancestrais e tradições culturais, vistas como mágicas, míticas e inferiores (Ribeiro, 2017).

Diante disso, é possível inferir que o desenvolvimento de uma sociedade democrática ainda permanece distante da realidade atual, visto a violência, segregação e opressão do feminino, fazendo-se urgente a eliminação da desigualdade de sexos. Neste sentido, é preciso reconhecer que a globalização apresenta duas faces – aquela que possibilita o acesso a bens e serviços e a que contribui para a hegemonia do patriarcado e do colonial ao não reconhecer a igualdade entre os sexos, remetendo-nos a um falso avanço social.

O colonial se ancora no poder quando considera o masculino como superior ao feminino, gerando uma classificação social com base no sexo (Quijano, 2007). Tal perspectiva coloniza e invisibiliza o corpo feminino em termos de subjetividade, voz e vontade (Ferreira & Silva 2022), mesmo com toda a luta da mulher quilombola em prol de uma sociedade mais igualitária - social, econômica, política e cultural - onde etnia e sexo não seja critério para as oportunidades (Carvalho & Castilho, 2022).

A relevância da temática levou o desenvolvimento do referido estudo, visto que a versão preliminar foi apresentada no XII Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social (ENAPEGS), realizado de 29 de maio a 01 de junho de 2023 em Seropédica, estado do Rio de Janeiro, na sessão temática Gestão Social e Território: povos originários e comunidades tradicionais.

São relevantes e urgentes estudos que possam dar voz a mulher quilombola, tornando possível sua emancipação, empoderamento e ressignificação identitária, evidenciando sua cultura, tradições, saberes e lutas. Assim, o estudo, na versão final, vem mostrar a trajetória da mulher quilombola com vistas à libertação das algemas do colonial, por meio da emancipação, utilizando-se de princípios decoloniais, estabelecendo uma aproximação com a vivência arquetípica dos orixás Otim e Obá.

Fundamentação Teórica

Decolonização e Empoderamento do Feminino

Na atualidade, mesmo com as transformações econômica, social e cultural, proporcionadas principalmente pela globalização é possível ainda perceber a presença da colonialidade pela valorização do saber do norte, do masculino, hétero e pele branca. Faz-se urgente pensar a decolonialidade como estratégia de libertação e ressignificação identitária, utilizando-se de práticas epistêmicas, políticas e sociais (Walsh, 2009).

Conforme Arendt (2002), a liberdade traz a oportunidade de participação, de forma democrática, com posse da palavra e da ação, em espaço público. Liberdade

exige conscientização da sua condição, ação e vivência empírica e plural pelo convívio entre pessoas, possibilitando a vida política.

É necessário libertar para decolonizar, visto que somente com a conscientização do seu *status* de opressão é que a pessoa se torna agente de mudança. É preciso decolonizar, por meio de novas epistemologias e do diálogo intercultural, conforme Santos (2010), para emancipar. Assim, a decolonização traz consciência para sua existência, sua cultura, seus valores, sua história, impedindo a dominação colonial, proporcionando a transformação da realidade. (Freire, 2016).

Contudo, é necessária a mudança do Estado, visando o reconhecimento de epistemologias decoloniais, considerando a ética, a política e a equidade étnico-social, com vistas à diversidade cultural e justiça social. Diante disso, as epistemologias alicerçadas nos saberes do sul buscam o reconhecimento da ciência de forma cíclica e não hegemônica (Santos, 2010).

Deste modo, a cultura quilombola, por meio da ancestralidade e dos saberes traz em si a simbologia da libertação, como é o caso das danças, que atuam no espaço, transformando o pensamento subjetivo em público e coletivo, o que proporciona a percepção do corpo agindo no mundo, conseqüentemente transformando e libertando. “Sua meta é a reconstrução do ser, do poder e do saber” (Ferreira & Silva, 2022).

As danças quilombolas integram os rituais que proporcionam a ressignificação identitária da mulher, pois facilita a conscientização do próprio corpo, a ação no ambiente, o reconhecimento da sua cultura, da sua liberdade, tornando evidente a decolonialidade (Ribeiro, 2017). A liberdade proporciona para a mulher quilombola a conscientização da sua condição, contribuindo para a ressignificação identitária, não se sujeitando ao colonialismo hierarquizado e classificatório. Quando a mulher reconhece e se reconhece na sua cultura, com igualdade de direitos, é capaz de ser agente da sua emancipação, agindo e transformando a realidade. Assim como a dança, a escrivência funciona como uma estratégia decolonial e de libertação, pois segundo Evaristo (2017) contribui para que a mulher quilombola conecte com a sua realidade, mediando sua história com a sua cultura, ressignificando a sua identidade.

A colonialidade pode limitar o acesso a bens e serviços, aos direitos políticos, econômicos, ao mercado de trabalho, a educação formal, à escolarização de qualidade, os conteúdos a serem ensinados e quais saberes são relevantes utilizando-se do poder (Carvalho & Castilho, 2022). Por isso, o estudo vem mostrar a trajetória da mulher quilombola rumo a ressignificação identitária e emancipação.

A Vivência Arquetípica dos Orixás Otim e Obá

Na sociedade primitiva o ser humano era universal, coletivo e andrógino – não havia a separação entre o andros e o ginos –, contudo quando essa sociedade foi substituída pela família patriarcal ocorreu a dissociação entre “anima” que compõe, juntamente com o “animus”, o ser humano “universal”, coletivo, andrógino (Jung, 2008). Com essa nova configuração da sociedade surge o patriarcado, calando e colonizando o arquétipo feminino que compõe todas as pessoas, surgindo assim, a segregação de gêneros.

Com isso, a mitologia vem mostrar padrões de comportamentos repetidos pelos povos em todos os tempos, por meio da vivência arquetípica, devido à constelação do inconsciente coletivo. Revela rituais, atividades e comportamentos vivenciados em todos os tempos (Azorli, 2016). A saga das deusas e orixás é usada pela psicologia como estratégia para o reconhecimento de padrões de comportamento – emoções, pensamentos, sentimentos e instintos femininos imersos no inconsciente coletivo e que podem ser trazidos à consciência por meio da criatividade, arte, dança... Cada deusa e orixá carrega a vivência arquetípica, contribuindo para que a mulher se reconheça, seja como princesa, rainha ou bruxa, por exemplo.

A vivência dos arquétipos das deusas e dos orixás impulsiona a mulher para a transformação, visto que contribui para que conteúdos inconscientes possam ser trazidos à consciência e reconhecidos. Isso porque, quando a mulher se conscientiza da sua natureza, da sua história, passa a lutar pela sua liberdade, através da emancipação e transformação do entorno. Com isso, o estudo vem contribuir para que mulheres quilombolas possam se reconhecer através da vivência do arquétipo das deusas e dos orixás, conscientizar-se, libertar-se e emancipar-se (Carvalho & Castilho, 2022).

Na contemporaneidade a sociedade ainda traz enraizada a colonialidade de gênero, ao anular a mulher negra, por meio do sexismo, do patriarcado e do racismo, presentes nos mais variados extratos sociais (Carvalho & Castilho, 2022). Com base nestes pressupostos, o estudo objetiva estabelecer a aproximação entre a saga de lutas e resistência de mulheres quilombolas com o arquétipo dos orixás Otim e Obá.

Otim é um orixá feminino, protetora da fauna e da flora, habilidosa para a caça e a agricultura; habita a floresta e apresenta domínio sobre as águas. Conforme relatos, Otim seria hermafrodita - uma jovem com ambivalência genital e características femininas, que foge para a floresta por não aceitar a sua condição. Ao banhar-se se nua, encontra Odé, o caçador, que a aceita sem julgamento, passando a viver juntos (Azorli, 2016). O mito de Otim traz em seu bojo a opressão e violência sofrida pela mulher quilombola, em decorrência da sua cor, da sua ancestralidade, da sua história,

sendo tal condição repetida em todos os tempos. Contudo, Otim buscou sua emancipação ao fugir do controle colonial e se libertar, mesmo diante de toda a opressão.

Otim corresponderia na mitologia grega à deusa Ártemis, irmã gêmea do deus Apolo. Após nascer, Ártemis ajudou sua mãe (Leto) no parto de Apolo, mostrando habilidade (Campbell, 2020). Igualmente a Otim, Ártemis era devotada à natureza, zelava pela fertilidade da terra e era dona de animais. Além disso, transitava entre o mundo selvagem e a civilização, contribuindo com meninas nos rituais de transição da infância para a vida adulta e com os bebês, do ventre materno ao mundo terreno (Farias, 2022). Assim, diz-se que Ártemis é a protetora do feminino, desde a transição da infância para a vida adulta até o parto (Farias, 2022). Portanto, é possível perceber a devoção de Ártemis aos cultos voltados à feminilidade (Bezerra 2018). No ritual de passagem as garotas se apresentavam em uma dança rítmica, avançando lentamente em direção ao altar, onde recebiam a proteção de Ártemis. Assim como na mitologia, as danças ritualísticas executadas pela mulher quilombola estão presentes, carregadas de simbologia, enunciados, identidade e liberdade.

Ártemis, ainda era muito jovem quando pediu a Zeus, seu pai, a habilidade para ajudar as parturientes, os recém-nascidos e os filhotes de animais, sendo considerada como a deusa da natureza (Farias, 2022). Além disso, realizava festividades com músicas e danças na floresta junto a outras mulheres, mostrando a sua conexão não apenas com o território, mas também com as histórias, a ancestralidade e a cultura. Diante disso, as relações com o corpo, tanto individual e como coletiva possui uma história, carregada de simbologia, enunciados e anunciações (Ferreira & Silva 2022). "Cantar-dançar-batucar não é apenas uma forma, mas uma estratégia de cultuar uma memória, exercendo-a com o corpo em sua plenitude. Uma espécie de oração orgânica" (Ligiéro, 2011, p. 130).

Obá é um orixá dotado de sabedoria. Possuía habilidade para a luta e para fiar, por isso é simbolizada pela roca, a roda, a panela e demais objetos redondos, por ser considerada a dona da roda da vida, sendo a responsável pelo movimento da vida humana. Por este motivo, os círculos estão tão presentes, mostrando que tudo está em constante movimento, de forma cíclica (Silva, 2019). Foi uma das esposas de Xangô, mas nunca consumou o casamento. Obá possui instrumentos para a luta - espada, escudo, arco e flecha - e se veste de marrom escuro quando recebe o chamado (Azorli, 2016).

Na mitologia grega Obá pode ser representada pela deusa Atená, que é considerada a deusa da sabedoria, protetora dos heróis, habilidosa na tecelagem e na olaria, e assim como Obá, é uma deusa vigem (Nanni & Nehemy; 2007).

O feminino da mulher quilombola, composto por um corpo físico, histórico e simbólico não pertence somente a ela, mas a uma história coletiva, ancestral e arquetípica.

Emancipação da Mulher Quilombola

Na atualidade, diante de todo desenvolvimento tecnológico, ainda é possível verificar um retrocesso humano no sentido da valorização de estruturas coloniais, seja social, étnica ou de gênero. Freire (2016) propõe que, ao tomar consciência da sua condição o homem passa a se sentir como parte existente de uma cultura, com uma história, capaz de transformar o entorno por meio da sua ação e de sua linguagem criadora. Diante disso, o processo de emancipação da mulher quilombola se intersecciona com os saberes decoloniais, ancestrais e culturais, sendo possível perceber a intensificação de movimentos de reivindicação pelo respeito à diversidade cultural. “O objetivo maior do empoderamento das mulheres é questionar, desestabilizar e, por fim, acabar com o a ordem patriarcal que sustenta a opressão de gênero” (Sardenberg, 2009, p. 3).

Considerado os princípios da decolonialidade e da interculturalidade, constata-se a produção coreográfica nos quilombos, Buri (BA), e Batuva (PR) centrada no corpo e pelo corpo. Conforme Freire (2016), a análise de danças quilombolas, com base em matrizes estéticas e culturais, do samba de roda baiano e do fandango paranaense, traz indicativo de expressões decoloniais. Isso fica evidente nos movimentos que o corpo produz durante a execução da dança, transgredindo e transformando o espaço, gerando um sentido de (re)apropriação. A perspectiva decolonial traz coreografias alquímicas, que se transformam com as relações, não lineares, não conclusivas, libertárias!

O pensamento decolonial vem contribuir para a desconstrução da opressão, salientando a humanização e a valorização da diversidade de saberes, como é o caso das danças quilombolas, que para Freire (2016) se configuram como prática social, podendo ser consideradas como educativa e política. Trata-se de uma educação para o corpo e pelo corpo, por meio de uma prática libertária e emancipatória (Matos, 2014). Para a autora, “[...] o corpo se inscreve no espaço ao mesmo tempo em que o espaço se inscreve no corpo” (Matos, 2014, p. 17).

O corpo decolonial se alicerça em práticas libertárias, as quais envolvem a criatividade, a invenção, a conscientização de si mesmo, com intencionalidade, temporalidade, transcendência, reflexão e ação para a transformação. “Para os seres humanos, como seres da práxis, transformar o mundo, processo em que se transformam também, significa impregná-lo de sua presença criadora, deixando nele suas marcas” (Freire & Guimarães, 2011, p. 55). Nesse sentido, o corpo decolonial toma forma por meio de ações culturais libertárias - conquista, posse, domínio do seu corpo -, conscientizando-se da sua existência como mulher, quilombola, participante de uma cultura e de uma ancestralidade. Isso quer dizer que, para que haja a tomada de consciência é necessário reflexão sobre a realidade. “Um povo sela a sua libertação na medida em que ele reconquista a sua palavra” (Freire & Guimarães, 2011, p. 29).

A cultura pode se materializar e se expressar através do corpo nas cantigas, danças e batuques. As sambadeiras do grupo de samba de roda Raízes do Quilombo do Buri (BA) comunicam a sua cultura através do corpo, dos símbolos, das histórias, das memórias e da ancestralidade, mantendo vivo saberes, mas também ressignificando a contemporaneidade. Os códigos e símbolos que os passos e gestos carregam contribuem para que as dançarinas possam se perceber e (re)significar o pertencimento a esta cultura (Ferreira & Silva 2022). O corpo carrega em si memórias da ancestralidade por meio da vivência arquetípica. As danças quilombolas trazem, por meio da memória corporal arquetípica, a ancestralidade para o tempo presente (Gilroy, 2012).

No Quilombo de Unas (BA) os saberes da natureza, os conhecimentos e as histórias são preservados e transmitidos para os mais novos. Os quilombolas interpretam o clima, a umidade, o vento, para saber os melhores períodos para plantar, pescar, caçar, e assim, contribuir para o equilíbrio da natureza. Além disso, utilizam da oralidade para passar para as gerações suas histórias, permitindo que a ancestralidade permaneça viva. A partir do conhecimento e do reconhecimento da sua história é possível desenvolver o sentimento de pertença, contribuindo para que a mulher possa se libertar de princípios da colonialidade, ser agente de transformação do entorno e emancipar-se (Ribeiro, 2017). Portanto, o reconhecimento dos saberes ancestrais da cultura quilombola torna possível a interculturalidade entre estes e os conhecimentos científicos, possibilitando a decolonialidade.

Na comunidade quilombola de Mata Cavalo, situada na área rural do município de Nossa Senhora do Livramento (MT), as mulheres vivenciam a luta pelo território, de modo que na escola da comunidade o ensino decolonial traz as histórias de luta e as vivências ancestrais, (Walsh, 2009) se configurando como etnoeducação. Assim, são

valorizados processos educativos não formais, gerando uma intersecção com os formais, se alicerçando na resistência e fortalecendo a (re)significação identitária (Sato; Santos & Silva, 2021).

A educação na comunidade Mata Cavalo valoriza ainda a multiculturalidade, dando voz a diversidade e valorizando culturas consideradas inferiores pelo colonial. Com isso, a matriz curricular é composta por Tecnologia Social (TS), Práticas Culturais e Artesanato Quilombola (PCAQ), Práticas Agrícolas Quilombolas (PAQ), Leitura de Contos e Histórias sobre a cultura e valorização dos Negros, Hop Quilombola, Mulheres Negras Guerreiras, Feira de Artes e Casa da Cultura (Walsh, 2009).

Portanto, reconhecer-se como parte da cultura contribui para que a mulher quilombola possa se aceitar e valorizar a sua trajetória dentro da sociedade, despertando para a resistência e emancipação. O projeto Hop Quilombola utiliza-se da dança para desenvolver o sentimento de pertença, fazendo da ancestralidade um instrumento de luta contra a discriminação e o preconceito. Por meio da dança é trabalhada a autoestima tornando possível a emancipação. A colonialidade do poder é trabalhada no projeto Mulheres Negras Guerreiras, por meio do qual, são apresentadas histórias de vida de mulheres quilombolas para as mais jovens, com o intuito de que compreendam a importância do feminino no contexto da luta identitária (Sato; Santos & Silva, 2021).

Evaristo (2017) mostra o quão importante são os estudos sobre a transmissão oral das histórias para que as memórias das culturas possam permanecer vivas, memórias estas que, quando exteriorizadas permitem outras histórias, trazendo voz e visibilidade. O objetivo é trazer à tona as narrativas e os discursos de mulheres quilombolas, diante dos esforços para garantir a vida, o trabalho e a preservação da ancestralidade. As histórias de mulheres quilombolas são contadas pela fala e pelo corpo, pela cultura, trabalho, religiosidade, ação na sociedade e que, a libertação e a emancipação contribuem para a transformação do espaço.

Na comunidade quilombola do Vale do Ribeira (SP) as mulheres constroem suas histórias por meio da escrivência, revivendo as lutas, sofrimentos, alegrias, resistências que ajudam na ressignificação da identidade e contribui para a emancipação e a transformação da sua realidade (Evaristo, 2017). A escrivência oportuniza ainda, a interconexão entre a agricultura e a decolonialidade, mostrando o quão importante é a trabalhadora rural para a agricultura familiar e a preservação da ancestralidade.

Na comunidade quilombola de Barra do Bugres (MT) a participação das mulheres envolve o cuidado com a saúde das pessoas de suas comunidades, por meio dos rituais

de cura - chás, garrafadas, rezas, benzimentos, simpatias, parturiências; no campo espiritual - terreiros de umbanda e candomblé; na produção de artesanatos, doces, bolos; por meio do trabalho na roça, contribuindo com a economia; no trabalho como servidoras públicas, principalmente, como professoras (Carvalho & Castilho, 2022).

Portanto, a luta por igualdade de direitos, liderada por mulheres quilombolas se faz pertinente em decorrência de uma sociedade colonial que tenta calar a sua voz, invisibilizar o seu corpo, na tentativa de apagar a sua identidade, colocando-a na posição de sujeição. Diante disso, é possível inferir que a mulher quilombola ao tomar consciência da sua condição vem se libertando do sistema opressor, contribuindo para que incorporem as práticas emancipatórias. É por meio da luta, da resistência e da emancipação que a voz da mulher quilombola vem passando a ser ouvida.

Metodologia

A pretensão do estudo foi o rompimento de pressupostos instituídos pelo colonial, patriarcal, branco, evidenciando a diversidade de saberes com base nas obras de Freire e Santos. Além disso, o desenvolvimento do pensamento decolonial por mulheres quilombolas, visando emancipação e ressignificação identitária presente em obras de Walsh e Evaristo. Ainda, estabeleceu-se a aproximação com a vivência arquetípica dos orixás Otim e Obá e as deusas gregas Ártemis e Atená, utilizando-se de clássicos de Campbell e Jung.

A estratégia metodológica adotada para o desenvolvimento da revisão da literatura foi a qualitativa, de modo a alcançar os objetivos e chegar aos resultados. A pesquisa bibliográfica permitiu o acesso a um leque de fenômenos, sendo possível o estabelecimento de relações entre tais e a realidade social (Gil, 2010). Esse processo torna possível que ações possam ser analisadas a partir de uma realidade vivida e partilhada (Minayo, 2010).

Diante disso, foi realizado fichamento dos materiais, tendo como critério de inclusão, obras publicadas entre 2018 e 2022, bem como clássicos atemporais. Em seguida, a sistematização dos resultados por meio de categorização, análise e discussão.

Foi realizada pesquisa de artigos científicos nas bases de dados Portal de Periódicos CAPES e Rede de Revistas Científicas da América Latina e Caribe, Espanha e Portugal – Redalyc, utilizando dos descritores “mulher quilombola”; “decolonialidade mulher quilombola”; “emancipação mulher quilombola”; “feminino decolonial”.

Resultados e Discussões

É possível perceber que a lógica cientificista ainda é excludente, valorizando o pensamento eurocêntrico, do norte, sendo este colonial, o qual estabelece relação de poder à classificação social, étnica e de gênero. Sendo assim, se faz urgente pensar a decolonialidade como estratégia de libertação e ressignificação identitária para a mulher quilombola. Isso porque a opressão, fruto do patriarcado, do colonial e da divisão de classe impõe a mulher negra condições de sujeição e submissão (Caporal, 2020). Por isso, a importância de oportunizar a emancipação por meio do pensamento decolonial, contribuindo para a ressignificação identitária.

Arendt (2002) preconiza que a liberdade traz oportunidade de participação e transformação da sua condição, usando da democracia, da palavra e da ação, em espaço público. A liberdade exige tomada de consciência, reconhecendo a situação opressora, pois não é possível lutar contra os princípios coloniais sem antes tomar consciência de tal sistema.

O pensamento decolonial objetiva contribuir para a libertação, utilizando-se de novas epistemologias e do diálogo intercultural, de modo que a mulher quilombola possa se sentir livre para agir, transformar e se emancipar (Walsh, 2009). Evaristo (2017) mostra que a escrevivência se constitui como uma estratégia de libertação e emancipação, visto que contribui para que a mulher quilombola se conecte com a sua realidade e tome consciência da sua situação. O ato de escrever sobre a sua história faz com que a mulher possa desenvolver estratégias, utilizando-se dos princípios decoloniais para transformar e se libertar.

As danças quilombolas também se configuram como uma estratégia de libertação, pois proporciona a ação no espaço, exteriorizando o pensamento subjetivo e proporcionando a percepção do corpo físico e conseqüentemente do simbólico. "Sua meta é a reconstrução do ser, do poder e do saber" (Ferreira & Silva, 2022). Assim, os princípios decoloniais oportunizam voz a mulher quilombola, visando libertá-la do sistema opressor por meio da emancipação e da compreensão do valor e da importância da sua cultura, da sua ancestralidade, da sua história.

As vivências ancestrais podem ser representadas pelos mitos, que surgem como recurso para mostrar padrões de comportamentos repetidos pelos povos em todos os tempos, por meio da vivência arquetípica, devido à constelação do inconsciente coletivo.

Jung (2008) mostra que a sociedade primitiva, até então, universal, coletiva e andrógena, foi substituída pela família patriarcal, tendo início a hegemonia masculina, o sexismo e a classificação dos gêneros. Diante da explanação de Jung é possível inferir

que a sociedade primitiva era decolonial, pois não havia a dicotomia entre funções do feminino e do masculino, sofrendo um retrocesso ao estabelecer a família paterlinear como referência, colonizando as relações.

A saga das deusas tanto da mitologia grega, com na romana, nórdica ou africana é utilizada pela psicologia como estratégia para mostrar padrões de comportamento, os quais imersos no inconsciente coletivo e que podem ser constelados para a consciência utilizando-se da criatividade, da arte, da dança... Os mitos vêm contribuir para que a mulher possa se reconhecer, haja vista que cada deusa/orixá traz em si uma vivência arquetípica. Diante disso, o estudo utilizou-se da saga dos orixás Otim e Obá (mitologia africana) e Ártemis e Atená (mitologia grega) para apresentar a trajetória da mulher quilombola rumo à emancipação, utilizando-se do feminino decolonial.

Em seus estudos Bezerra (2018) apresenta Ártemis como a deusa protetora das parturientes e das meninas nos rituais de passagem para a vida adulta. Além disso, Ártemis liderava os cultos voltados à feminilidade, os quais utilizavam a dança para celebrar a deusa e o feminino. Com isso, é possível tecer uma aproximação com as danças das mulheres nos quilombos Buri (BA) e Batuva (PR), tendo a decolonialidade centrada no corpo e pelo corpo. As danças das mulheres quilombolas celebram o feminino, o contato com a sua história, com seu corpo físico e simbólico, contribuindo para que se reconheça e se liberte.

Otim é um orixá feminino que habita a floresta, é protetora dos animais e das plantas, apresenta habilidade para a caça e a agricultura e domínio sobre as águas. Diante disso, pode-se realizar uma aproximação entre a saga de Otim com as mulheres quilombolas do Vale do Ribeira (SP), pois é a liderança na agricultura familiar. É possível contribuir para que mulheres quilombolas possam se reconhecer através da vivência arquetípica das deusas/orixás, tomando consciência da sua condição, o que oportuniza o desenvolvimento de estratégias emancipatórias (Carvalho & Castilho, 2022).

Carvalho e Castilho (2020) preconizam que a sociedade contemporânea ainda se apresenta imersa em princípios coloniais de gênero, ao calar a mulher quilombola, utilizando-se do sexismo, do patriarcado e do racismo, presentes nos mais variados contextos sociais. Por isso, se faz urgente e relevante ações que possam proporcionar emancipação à mulher quilombola. Deste modo, a saga das deusas/orixás se constitui como uma estratégia decolonial, ao aproximar vivências arquetípicas, com padrões de comportamentos convergentes, mesmo que em épocas distintas.

Na comunidade quilombola de Mata Cavallo, (MT), as mulheres lutam pelo território, levando suas histórias de resistência para os conteúdos do ensino decolonial,

permitindo a aproximação com os mitos de Obá e Atená, orixá e deusa guerreiras e dotadas de sabedoria. Obá possuía habilidade para fiar, sendo simbolizada pela roca, a roda, a panela e demais objetos redondos, por ser considerada a dona da roda da vida - responsável pelo movimento da vida humana. Obá porta espada, escudo, arco e flecha e se veste de marrom escuro quando incorporada (Azorli, 2016). A roda da vida vem mostrar que tudo está em constante movimento, de forma cíclica (Silva, 2019). Atená é ainda, a protetora dos heróis, deusa da tecelagem e da olaria. Assim como Obá, Atená é uma deusa vigem (Nanni & Nehemy, 2007).

Para Freire (2011) o feminino decolonial se alicerça em ações libertárias, visando tomada de consciência, ou seja, reflexão sobre a sua condição. Portanto, as relações da mulher quilombola com o corpo, com a ancestralidade, com a sua história e sua cultura, produzem conhecimentos, símbolos, enunciados e anunciações (Ferreira & Silva, 2022). O feminino decolonial, composto por um corpo físico, histórico e simbólico não pertence somente à mulher quilombola, mas a uma história coletiva, ancestral e arquetípica – como Ártemis com a dança e os rituais de cura; Obá com o artesanato; Otím com a agricultura; Atená com as lutas pelo território.

No Quilombo de Unas (BA) os saberes sobre a natureza são preservados e transmitidos para as gerações, permitindo que a ancestralidade permaneça viva (Ribeiro, 2017). Na comunidade quilombola do Vale do Ribeira (SP) as mulheres são agentes de suas histórias, expressando suas vozes por meio da escrevivência (Evaristo, 2017). Na comunidade quilombola de Mata Cavalo (MT) as mulheres prezam pela resistência, lutando pelo território, fortalecendo a identidade e o sentimento de pertença (Sato; Santos & Silva, 2021). Na comunidade de Barra do Bugres (MT), as mulheres zelam pela saúde das pessoas, utilizando-se de rituais de cura (Carvalho & Castilho, 2022). Verifica-se assim, que os símbolos contidos nas culturas, nas histórias individuais e coletivas contribuem para que as mulheres possam se perceber com liberdade para mudar a sua condição (Ferreira & Silva, 2022).

O feminino decolonial luta por justiça social, contribuindo para que a mulher reconheça o domínio colonial e possa desenvolver estratégias de resistência e emancipatórias, se libertando.

Considerações Finais

É preciso devolver às mulheres quilombolas a voz que o colonial calou, oportunizando a abertura de novas agendas, a partir das quais outros modos de saber, de ser e de viver sejam reconhecidos (Walsh, 2009). Assim, ao reconhecer sua ancestralidade a mulher quilombola se torna parte integrante da história do seu povo,

das lutas, resistências e vivências arquetípicas. Identidades, até então invisibilizadas começam recuperar a cor, amarras começam a serem rompidas, vozes caladas começam a ganhar tom.

Referências

- Arendt, H. (2002). *O que é política?* Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2002.
- Azorli, D. F. R. (2016). *Ecossistemas da África Ocidental: o que a mitologia dos orixás nos diz sobre as mulheres africanas do século XIX*. Dissertação de mestrado (mestrado acadêmico em História). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis.
<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/141939>.
- Bezerra, K. O. (2018). *Ártemis. Das Questões*, [S. l.], 5(5).
<https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/18539>.
- Campbell, J. (2020). *Deusas: os mistérios do Divino Feminino*. In: _____. São Paulo: Palas Athena Editora.
- Caporal, A. A. G. (2020). *Pedagogia Decolonial Aplicada ao Movimento de Mulheres Negras: um estudo sobre a ampliação da participação social e luta por direitos na intersecção de raça e gênero*. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Direito, Criciúma.
<http://repositorio.unesc.net/handle/1/7777>.
- Carvalho, F. E. B. A.; Castilho, S. D. (2022). A Decolonialidade em Direção ao Feminismo Negro Quilombola: uma reflexão necessária. *Revista Teias*, 23(70).
<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/67212>.
- Evaristo, C. (2017). *Becos da Memória*. Rio de Janeiro: Pallas.
- Farias, B. C. (2022). A Deusa da Caça entre Meninas e Mulheres: Reflexões sobre o santuário de Ártemis em Brauron e os atributos da deusa. *Revista Eletrônica História Em Reflexão*, 16(32), 71–88.
<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/13744>.
- Ferreira, T. de J.; Silva, M. C. de P. (2022). Poética do Movimento e Interculturalidade Quilombola: corpo e danças decoloniais na perspectiva freireana. *Práxis Educativa*, [S. l.], 17, 1–18.
<https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/18536>.
- Freire, P.; Guimarães, S. (2011). *A África Ensinando a Gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (2016). *Conscientização*. São Paulo: Cortez.
- Gil, A. C. (2010). *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. São Paulo: Atlas.
- Gilroy, P. (2012). *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34.
- Jung, C. G. (2008). *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. 6. ed. Petrópolis: Vozes.
- Ligiéro, Z. (2011). *Corpo a Corpo: estudo das performances brasileiras*. Garamound: Rio de Janeiro.
- Matos, L. (2014). *Dança e Diferença: cartografia de múltiplos corpos*. Salvador: EDUFBA.
- Minayo, M. C. de S. (org.). (2010). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29. ed. Petrópolis: Vozes.
- Nanni, B.; Nehemy, M. B. (2007). *Os Deuses e o Amor: como a mitologia explica e orienta nossas escolhas e relacionamentos*. Rio de Janeiro: Prestígio.
- Quijano, A. (2007). Colonialidad del poder y clasificación social. In: Castro-Gómez; Grosfoguel (Org.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores.

- Ribeiro, D. (2017). Decolonizar a Educação é Possível? A resposta é sim e ela aponta para a educação escolar quilombola. *Identidade*, 22(1), 42-56.
<http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/view/2985>.
- Santos, B. S. (2010). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez.
- Sardenberg, C. M. B. (2009). *Conceituando "Empoderamento" na Perspectiva Feminista*. In: Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres – Projeto Tempo, 1., NEIM/UFBA. p. 1–2. Salvador.
<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamen%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf>.
- Sato, M.; Santos, D. L. M. S.; Silva, R. A. (2021). Educação e Território: a luta por uma construção decolonial no quilombo de Mata Cavalu. *Atos de Pesquisa em Educação*, [S.l.], 16, e9100.
<https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/9100>.
- Silva, E. F. (2019). *A Nação dos Orixás na Arte*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Licenciatura em Artes Visuais, Unidade em Montenegro.
<https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/handle/123456789/1522>.
- Walsh, C. (2009). *Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver*. In: CANDAU, V. M. (org.). Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras.

ABSTRACT:

The development of a democratic society is still a long way from today's reality, given the violence, segregation and oppression of women, making it necessary to eliminate gender inequality. As a result, studies are urgently needed to give quilombola women a voice, enabling their emancipation, empowerment and re-signification of their identity, highlighting their culture, traditions, knowledge and struggles. The aim of the study was to break down the assumptions established by the colonial, patriarchal, white world, highlighting the diversity of knowledge, which is why the methodological strategy adopted was a qualitative literature review, in order to achieve the objectives and arrive at the results. Thus, the study shows the trajectory of quilombola women towards liberation from the shackles of colonialism, through emancipation, decolonization and empowerment, establishing a rapprochement with the archetypal experience of the orishas Otím and Obá.

KEYWORDS: Emancipation; Identity; Feminine; Democracy; Mythology.

RESUMEN:

El desarrollo de una sociedad democrática aún permanece distante de la realidad actual, dada la violencia, la segregación y la opresión de las mujeres, lo que hace necesario eliminar la desigualdad de género. Como resultado, existen estudios relevantes y urgentes que pueden dar voz a las mujeres quilombolas, haciendo posible su emancipación, empoderamiento y resignificación identitaria, evidenciando su cultura, tradiciones, conocimientos y luchas. La intención del estudio fue la ruptura de los supuestos instituidos por lo colonial, patriarcal, blanco, evidenciando la diversidad de conocimientos, por lo que la estrategia metodológica adoptada fue la revisión de la literatura cualitativa, con el fin de alcanzar los objetivos y alcanzar los resultados. Así, el estudio muestra la trayectoria de la mujer quilombola con miras a la liberación de las cadenas de lo colonial, a través de la emancipación, la decolonización y el empoderamiento, estableciendo una aproximación con la experiencia arquetípica de los orixás Otím y Obá.

PALABRAS CLAVE: Emancipación; Identidad; Hembra; Democracia; Mitología.